



1.º Anno



Numero 5



Yui.

A PEROLA



REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

Dedicada ás  damas vimearanenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: **A. S. Carvalho**
E. Guimarães

Redactor e Administrador,

Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO
MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE
Guimarães

12 de *FEBREIRO* de 1905

Preço da assignatura: anno 500 reis
Numero avulso 20 reis

Editor, **Gabriel Pereira de Mesquita**

As duas VIOLETAS ❀ ❀

No pequenino e risonho jardim da phantasia, duas violetas, uma branca e outra róxa, viviam tristes, olhando as mais flores sempre pelo ingrato jardineiro bem cuidadas e regadas, enquanto que ellas, as pobresinhas, eram, sómente, escarnecidas pelas suas infieis companheiras.

Em uma manhã primaveril, quando Phebo estendia seus raios diamantinos por os multicóres prados e campinas, as duas violetas vertiam um rio de lagrimas, conversando por entre os internededores ais, uma para a outra, n'estes termos:

—Ai! violeta branca, violeta branca, como somos desgraçadas!...

—E' verdade, querida companheira!...

—Não vez como aquelle gentil jasmim beija as faces á sua namorada rosa?... Como todas vivem felizes!

—Ai! se vivem!...—suspirou a outra—Mas nós... nós...

—E' verdade, já reparaste na margarida que está de frente do canteiro dos cravos rajados, já?

—Ainda não...

—Pois fica sabendo que tem namôro com um amôr viuvo...

—Nem me digas!!... Olha que tal!!... Não sabia, não... mas uma coisa que eu tenho espreitado é aquelle esguio lyrio que está alem e a graciosa adalia que, na sua frente, lhe sorri a

cada instante! Parece-me que se adoram...

—Ai! adorar, adorar!... Todas se adoram, todas se beijam ardentemente, só nós, as duas miserias violetas, somos despresadas por todos, ninguem nos faz uma mimosa caricia, simplesmente nos escarnecem e mal tratam!

Oh! mal haja a hora em que nascemos!...

Quando ella acabou de gemer estes sentidos queixumes, dois raios de sól que as espreitavam por detraz do musgoso muro que cercava o encantado jardim, cochicharam ao ouvido um do outro, sorriram-se maliciosamente, levantaram com orgulho as suas diaphanas azas, voaram e foram beijar as petalas das duas desamparadas violetas.

Ellas estremeceram, entreolharam-se embriagadas de um puro amôr, sacudiram as brilhantes perolas do matutino orvalho com languidez, e, em um extasis de innocencia, deixaram-se seduzir... envolvidas nos ardentes osculos dos dois filhos de Phebo...

Passados alguns minutos os dois seductores desapareciam para jamais voltar e as duas violetas choravam abraçadas, e as suas prateadas lagrimas desciam, lentamente, pelos seus debeis troncos, murmurando ás entristecidas folhas:

—Coitadas!... coitadas!.. Nós somos o conforto das suas desventuras, somos o balsa-mo dos seus atrozés soffrimentos... Vós pobres folhas que lhes engrinaldaes os troncos, que lhe escutaes, tantas vezes, os commoventes segredos, brevemente as vereis morrer porque aquelle fragrante perfume que ellas atiravam ao ambiente, esvaiu-se nas azas d'uns beijos de traição...

Adeus, adeus para sempre...

E desapareceram, rolando por entre as hervas verdejantes.

E as pobres lagrimas fallaram verdade: porque, poucos dias depois, as duas violetas morriam arrependidas do seu peccado, perdoando a ingratição dos dois ardentes filhos de Phebo...

Delfim Guimarães

AIDA MORREU no mez das flôres.

Foi sorridente, linda como uma rosa em botão e sempre, infatigavel nos seus engraçados brinquedos.

Ainda hoje me recordo, quando ella, a mimosa florinha, cobrindo-me as faces de beijos, me disse:

—Olha, mano, já fui até ao jardim e os raios do sôl brilhavam sobre as minhas loiras tranças! Andei a perseguir uma linda borboleta que agitava as suas colloridas azinhas, e vi que as ternas flores abriram os seus calices, e evaporavam no ar deliciosos perfumes.

E foi em uma madrugada que a minha mã unindo Aida ao seio, ella sem gemer, sem suspirar ou dar algum signal da mais leve agitação ou abalo, expirou!...

Mas aquelles olhos que brilhavam como o diamante e accendiam no fundo do meu coração, aonde existem? Aquella bocca pequenina, ornada com airosos cheiros de attrativos. já não offerecem á minha vista mais do que um aspecto horrivel e disforme! Aquelle orgão de pensamento, aquelle maravilhoso instrumento de linguagem e de canto, que exprimia todos os encantos da harmonia, que arrebatava o meu ouvido com os seus melodiosos sons, que derramava no meu espirito doce persuasão, nos corações a ternura e as paixões, está mudo e taciturno como a noite que a cerca. Esse bello corpo que em tempos brandamente vestido de purpura e de seda, está actualmente magoad entre camadas de asperas e escabrosas areias. Aida era tão mimosa que se não atrevia a pôr sobre as flôres da relva os seus delicados pés e está opprimida com o peso de pedras que a despedaçam.

Oh!... se tornasses a ver a belleza que alucinava a tua alma, exclamarias cheia de espanto e de alegria:

—E' este o meu bom mano que sempre me quiz bem.

Descança infeliz Aida no centro d'essas trevas, e a noite te cubra com as suas horrendas sombras.

H.S. Carvalho



DESCRENÇA ❁ ❁ ❁



A descrença é a filha da miseria,
E' o riso alvâr do homem prejuro.
E' a 'spelunca vil e adultéria
Que lança a crença ao novento monturo.

A descrença é a ascôsa matéria
Que derranca o sangue mais vivo e puro.
E' o descaro da mulher que foi séria,
E' a maldade e é o sêr impuro.

A descrença é filha do jogadôr,
Do brigão que morre a um canto exangue,
Do ladrão que rouba só por roubar.

E' um vulcão vomitando o horrôr,
E' um vampiro que nos suga o sangue,
E' um leão que nos quer devorar.

Delfim Guimarães

Triste acontecimento

Ser viuva, depois de haver sido esposa amantissima e mãe extremosa, é incontestavelmente um acontecimento triste, profundamente doloroso.

Acontecimento que arrasta ao luto rigoroso, a chorar sempre e inconsolavelmente, envolta em crepês da mais accerrima saudade e tristeza, uma perda irremediavel.

E' tão grande a dôr que se experimenta ao separar-se a gente para sempre d'aquella ente tão extremamente querido; é tão cercada de lamentos, tão cheia de amargura a continuação da vida sempre immersa em tão funda tristeza, que não sei como possa haver coração humano que se não despedace e succumba em face de tão atroz soffrer.

Mas, se ha mulheres que nada sentiram ao ser escolhidas pelo Destino, para supportar o profundo golpe da viuvez; se nada sentem e nem ao menos nada recordam porque a vida continua a sorrir-lhes alegre e despreoccupada, é porque nunca foram esposas amantissimas, nunca foram mães extremosas; e nunca foram

A Perola

esposas amantíssimas, nunca foram mães extremosas, porque nunca foram mulheres; e nunca foram mulheres porque nunca foram dotadas de coração.

CARMO

Retribuição ao meu amigo DELFIN GUIMARÃES.

P'ra que pretendes esconder a luz
Que o teu raro talento a cada instante
Dissipa como um astro fulgorante
A vasta immensidade onde reluz?

P'ra que tentas o brilho q'rer sumir
Que do teu grande merito irradia?
Não vez que és o Pharól bom que allumia
O viajante na estrada do porvir?!

Porque pretendes esconder a aurora
Que o teu saber profundo e vasto encerra?
Não reparas que és tu o Deus da terra
E o pão que o triste procura a toda a hora!...

Laurentino da Silva Eugenio

BEIJOS

M. M.

Beija o sól os arbustos das campinas,
e beija o mar as rochas de côral;
beija o luar em noites crystalinas,
das violetas o collo virginal.

Beija a brisa aromal das madrugadas,
a flôr humilde e o cedro das montanhas;
beija o poeta em ancias inspiradas,
umas visões chimericas e extranhas.

Beija o amante a carinhosa amante,
e o cego beija o braço que o conduz;
beija a areia a onda soluçante,
e o monge beija a solitaria cruz.

Os mesmos soes, os rubidos cumetas
trocam beijos ardentes entre si;
beijam a luz as doidas borboletas,
e hei-de eu viver sem te beijar a ti?!

Albertino R. B.

PERFIL

A linda ARMINDINHA.

Oh meu Deus como ella é linda!!
Os cabellos são loiros, loiros como os raios
do sól, os olhos azues, azues como o firma-

mento, a bocca pequenina como um botão de rosa ao desabroçar, o rosto branco, branco como a neve, emfim, o todo da nossa linda e innocente perfilada, é d'um sêr angelico, filho do ceu.

Oh! quantas vezes, oh! quantas, quando a vejo na rua a saltitar como uma doudejante philomena, murmuro, um tanto pensativo:

Oh meu Deus como ella é linda!!

Será um anjo que desceu á terra para nos mostrar as bellezas que o paraizo contém?

Oh! talvez, talvez, quem sabe?

E ella tem os cabellos loiros, os olhos azues, a bocca pequenina, o rosto como a neve, emfim, a nossa linda Armindinha, daria retratada na téla um precioso e deslumbrante quadro a Ticiano.

D. G.



Os gemidos das nossas lgras

G

I

Não chores guitarra mais,
Não chores por piedade.
Oh! cala, cala teus ais,
Que eu morro de saudade.

Delfim Guimarães

II

E's uma rosa em botão,
Eu um cravo desfolhado;
Tem a rosa estimação,
Tem o cravo desagrado...

A. S. Carvalho

III

Oh minha amada dilecta
Este mendigo consôla;
Dá-me um beijo borboleta,
Dá-me um beijo por esmola...

JASMM

IV

Ouvi dizer a uma estrella
Que amavas o luar...
Não me sejas falsa, bella,
Não me andes a enganar...

E. Guimarães

PECCADORA

Gemes infeliz? gemes engeitada?
E porque gemes tu?—Ah! bem o sei:
—A fome é que te tortura desgraçada;
E' a fome, é!...—teu mal auscultei.

'Stás cadaverica, 'stás descarnada!
Oh! assim ver-te jamais pensei!
Deus castigou te, mulher deshonrada,
Zombáste d'Elle, eu te expiei...

Vendeste a mocidade á vil orgia,
O pudôr deitastel-o aos braços d'amante,
Enfim lançaste-te ao adulterio!

Agora geme até que um dia
Desças ao inferno a que desceu Dánte,
Te reduzas em pô n'um cemiterio.

Delfim Guimarães

Dos "GOLLOS MURCHOS,"

A louca de Brito

II

Doze badaladas sôam, além, sonóras e plan-
gentes, no bronze da pequena torre da capella
da freguezia.

Tudo dorme, tudo é silencio, apenas corta-
do, devez em quando, pelo pio funebre domôcho
que se vae casar com o rir tetrico da agouenta
curuja.

De repente, um homem envolto em uma
farta capa, surge, como por encanto, do meio
d'um espesso massiço de verdes e crescidas
searas, olha bastante desconfiado em volta de
si, carrega mais para a frente o seu largo cha-
seu e fica como que pregado no sólo, reflectin-
po alguns momentos.

A dez passos d'onde elle se encontra fica a
pequena casa da tia Angelica, mãe de Leonôr.

O nosso desconhecido depois de se certifi-
car que está completamente só e que ninguem
o espreita, encaminha-se levemente para a
porta da dita casa.

Bate tres leves pancadas em uma pequena
janella e espera palpitante ouvir qualquer ru-
môr.

Ouvem-se, passados alguns minutos, alguns
passos cautelosos na parte de dentro.

—E's minha!—murmura o desconhecido,
abafando um grito d'angustia:

—E's minha, desgraçada mulher. . .

Quando elle acabou de proferir estas perfi-
das palavras se o miseravel se encontrasse com
o ouvido á escuta, ouviria bradar uma voz co-
mo que saida da profundidade da terra:

—Oh! nunca, infame!.. isso t'o juro eu...

Elle não houve nada, espera anhellante a
sua innocente presa.

E, no mesmo instante, abre-se a pequena
janella e uma cabeça engrinaldada de compri-
dos fios d'oiro assôma radiante, seductora e
bella.

Elle recua um passo como que petrificado
por um choque electrico, treme deante de
tanta formosura e exclama cynicamente:

—Boas noites, formosa das formosas!..

—Boas noites, meu bem amado Julio—res-

ponde ella, sorrindo-se com meiguice.

—Então, minha Leonôr,—repõe elle—minha
amada querida, ainda hoje me negarás, como
me tens negado os demais dias, o prazer de
me acompanhares até além, por entre as ra-
madas, encher as nossas almas de odôres ine-
briantes?... Oh! não decerto... Confia, amada,
no meu sagrado amôr...

Amo te mais do que Deus ama os anjos!..

A minha vida pertence-te; faze de mim o
que pretenderes... Manda-me arrojar como
um miserô escravo aos teus pequeninos pés
que eu cumprirei as tuas ordens humildemen-
te.

Oh! manda-me tentar um impossivel que eu
luctarei até á ultima gotta de sangue para te
satisfazer...

Leonôr, manda-me arrojar sobre um infer-
no maldito que eu o procurarei, p'ra ceder ás
tuas ordens, mesmo nos confins do mundo...

A tua formosura mata-me! ..

Acredita, Leonôr, és a mulher mais bella de
todo o mundo!..

E's mais formosa que as virgens do templo
de Sion!..

Oh! minha Leonôr, quanto mais!..

Aqui calla se arquejante, devorando a com
os seus negros olhos, embriagado de amôr.

Leonôr pallida, com os cabellos em desali-
nho, por varias vezes tenta tapar lhe a bocca
com a palma da sua uberrima mão, receiosa
que sua pobre mãe accorde e os ouça.

Quando se elle calla aberta-lhe convulsiva-
mente as mãos e diz temerosa:

—Julio, meu querido Julio, por Deus cala-te
que a minha mãe pode accordar e ouvir nos!..

Oh! meu Deus, meu Deus, como eu soffro
e te amo!

Julio estremece, chega-a a si e pergunta
com cynismo:

—Pois tu soffres, anjo adorado?... E sabes
o que te faz soffrer?... sabes?..

Ouve: Se esse amôr que me tens, esse amôr
que dizes que, muitas vezes, te queima o peito
como um ferro em braza, se junta-se ao meu,
ai! Leonôr, Leonôr, juro-te pela minha honra
que soffrerias menos, nada mesmo. . . Anda
anjo, vem comigo, corrámos esse mundo
alem, procuremos o ceu, o paraizo onde pos-
samos gosar o nosso ethéreo amôr!..

Que importa tua velha mãe?..

Está prestes a baixar á sepultura, Deus cha-
ma-a para si e Deus ordena que te não desam-
pare, que nos amemos eternamente...

Vamos, Leonôr, não te dê cuidado tua mãe
que dinheiro eu lhe deixarei que baste para
viver abundantemente o pouco tempo que a mor-
te a deixe em paz.

E ella, a pobre innocente, ouve aquellas pa-
lavras falsas, com os seus lindos olhos de per-
vinca pregados no do impostor, tremula, com
o seio a arfar-lhe.

Julio deita-lhe meigamente os braços á sua
delgada cinta, chega-a phreneticamente a si e
beija-a enlevado no maior amôr cynico...